



## A FAMÍLIA NO PROJETO DE DEUS

*Mons. Juan José Perez Soba*

### 1. Chamados a amar

“<<Tu me amas? >> Possivelmente esta seja a pergunta mais importante que qualquer pessoa dirige na vida. Uma pergunta arriscada, mas repleta de promessas e de vida. Desta forma, o amor na existência de cada pessoa, especialmente em sua juventude, toma forma de uma pergunta. Por ser uma pergunta tão íntima lhe damos muitas voltas antes de pronuncia-la, nos faz pensar bastante e faz surgir uma outra imensidão de questões que a fazem possível ou que a contém e que tem haver com temas essenciais da vida e da sociedade”<sup>1</sup>. Estas palavras, com as quais o presidente do Pontifício do Instituto João Paulo II para os Estudos do Matrimônio e da Família introduz um pequeno livro preparado para os jovens da JMJ sobre o amor humano, nos manifesta a radicalidade própria e o chamado ao amor.

Frente a um amálgama de vozes que nos convidam a todo tipo de consumo de experiências ou de produtos, existe uma voz mais humilde que não quer se pronunciar em público, mas que buscam um momento especial, porque, consciente da riqueza do conteúdo que oculta, quer ser significativa, pois sabe que transmite uma mensagem totalmente incomparável.

Nos depararmos diante de um ato de tal categoria é um descobrimento que nos faz refletir muito. Diante do fatigoso bombardeio das chamadas propagandas comerciais, meramente consumistas diante do cansaço de mandatos imperiosos daqueles que detêm o poder, quer seja político, econômico ou de comunicação, por isso que nos sentimos simplesmente usados por interesses no fundo alheios aos nossos desejos mais profundos; existe, todavia, um lugar de onde ressoa esta voz diferente que defende sua originalidade profundo frente as demais vozes que a rodeiam.

É o chamado ao amor. Uma experiência fundamental que aparece na vida humana e que requer uma reflexão para compreendê-la melhor. Por conseguinte devemos nos atrever a pensar no amor. Poderia parecer que é

---

<sup>1 1</sup> L. MELINA, “Introducción”, en PONTIFICIO INSTITUTO JOÃO PAULO II, *Aprender a amar. 30 preguntas para no equivocarse en la aventura más importante de la vida. Jornada Mundial de la Juventud 2011*, BAC, Madrid 2012, IX.

óbvio, mas que, ao contrário, é uma atividade pouco frequente, “Em determinados âmbitos sociais se evita quase por princípio falar dos afetos, em especial do amor. Ninguém o utiliza para explicar um programa político, e muito menos para mostrar as estratégias econômicas. Quase não faz falta explicar o porquê dele: estamos tratando um tema sério; tanto, que não se pode deixar algo tão subjetivo e volúvel como o amor”<sup>2</sup>. “Reduzida assim a pergunta ao âmbito privado, o romanticismo a converteu em meramente e irracional e censura de imediato qualquer tentativa de consideração da mesma por parte da razão<sup>3</sup>.” O resultado é uma grave debilidade que o homem sofre no momento de fazer a si mesmo as perguntas fundamentais sobre o sentido da vida, em consequência, a uma grande desorientação no que corresponde aos pilares firmes onde se fundamenta a própria existência.

Somente o atrevimento característico da sabedoria nos impulsiona a tomar este caminho mais complexo de pensar o amor, pois nos faz conscientes do erro de querer constituir algo fundamental da existência em um sentimento frágil como a areia, incapaz de qualquer contradição de importância. Encontrar o autêntico fundamento desta pergunta, que na atualidade não pode ser considerado algo descartável, é a única maneira de edificar a casa do homem sobre a rocha, e afastarmos da necessidade de levantar um edifício sem fundamentos. É uma eleição transcendental que, como o Papa Bento XVI afirmou com força, tem uma repercussão social de máximo relevo, não podemos equivocarmos na aventura principal da vida, apesar de uma confusão reinante: “Evitar a confusão com os outros tipos de união baseados em um amor débil se apresenta hoje com uma especial urgência. Somente a rocha do amor total e irrevogável entre um homem e uma mulher é capaz de fundar a construção de uma sociedade que chegue a ser uma casa para todos os homens”<sup>4</sup>.

### **1.1. Pergunta e chamado**

Não podemos nos confundir, embora a exclamação “Me Amas? ” tenha forma de pergunta, este é o modo delicado de assegurar a outra pessoa uma verdade prévia sem a qual o interrogante perde todo o seu significado. Quer dizer, perguntar a outra pessoa se nos ama é um modo muito direto de dizer-lhe “Te Amo”. Por isso, a pergunta não é mais do que uma cobertura do

---

<sup>2</sup> J. J. PÉREZ-SOBA, “La renovación moral de la vida económica”, en *XXIII Encuentro en la cultura – XXI Congreso internacional diálogo fe-cultura*, Universidad La Laguna – Instituto Superior de Teología de las Islas Canarias, *Las distintas realidades de la crisis*, La Laguna (Tenerife) 23-27 de abril de 2012, en curso de publicación.

<sup>3</sup> Una reflexión sobre este hecho en: J. J. PÉREZ-SOBA, “*Status quaestionis: l’amore ci fa pensare*”, en J. J. PÉREZ-SOBA – L. GRANADOS (eds.), *Il logos dell’agape. Amore e ragione come principi dell’agire*, Cantagalli, Siena 2008, 19-59.

<sup>4</sup> BENTO XVI, *Discurso por ocasião do XXV aniversário da fundação do Pontifício Instituto João PAULO II para os Estudos sobre o Matrimônio e a Família* (11-V-2006). Para a relevância social do amor: cfr. J. J. PÉREZ-SOBA – M. MAGDIČ (eds.), *L’amore principio di vita sociale. “Caritas aedificat” (1Cor 8,1)*, Cantagalli, Siena 2011.

chamado ao amor. Existe um amor que nos chama e na resposta a este chamado esta oculta nossa razão de viver.

São João Paulo II nos ensinou a fazê-la guia de nosso caminho, ao indicarnos desde o principio de seu pontificado que o homem tem uma vocação ao amor: “O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente.”<sup>5</sup>. Uma verdade que Bento XVI confirmou precisamente no que corresponde no seu valor social: “ Todos os homens sentem o impulso interior para amar de maneira autêntica: amor e verdade nunca desaparecem de todo neles, porque são a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada homem.”<sup>6</sup>.

Já postos em marcha, o primeiro passo neste caminho é muito especial, consiste precisamente em olhar-se, em refletir sobre o que se vive para perceber toda a sua verdade. “A existência do homem é verdadeiramente humana somente porque chega a se elevar por cima do ritmo do universo e grita: <<Espere! >> O que distingue o homem do resto da criação visível é sua propensão a afastar-se da dança cósmica e perguntar pelo sentido de tudo: <<O que me dizes? >>”<sup>7</sup>.

Parar-nos significa “entrar em nós mesmos” (Cfr. Lc 15,17), estarmos conscientes de um sentido para viver, é essa espécie de solidão primeira necessária para firmar depois o amor. Como nos ensinou São João Paulo II, *só quando Adão se percebe diferente do resto do mundo é quando empreende uma busca de um sentido que não se apresenta a ele, nem nas delicias do jardim do Éden nem no domínio sobre os animais*<sup>8</sup>. Então, nem a satisfação, nem o poder podem responder a esta busca interior que só termina com o despertar próprio e verdadeiro do amor.

A experiência radical do amor, é uma resposta a um chamado, mas é vivida como um despertar (Cfr. Gn 2,23)<sup>9</sup>. Não podia ser de outra maneira, porque é assim como contém uma revelação, no sentido novo da existência que não procede de um cálculo ou uma dedução, mas sim dá aparição do amado e toda sua fascinante presença.

---

<sup>5</sup> JOÃO PAULO II, C.Enc. *Redemptor hominis*, n. 10. Interpreta esta cita como teologicamente central en la encíclica: G. MARENGO, “*Amo perché amo, amo per amare*”. *L'evidenza e il compito*, Cantagalli, Siena 2007, 22-23.

<sup>6</sup> BENTO XVI, C.Enc. *Caritas in veritate*, n. 1. Se comprende su valor antropológico: cfr. J. L. LORDA, “Claves teológicas para una lectura de *Caritas in veritate*”, en *Scripta Theologica* 42 (2010) 101-120.

<sup>7</sup> C. ANDERSON –J. GRANADOS, *Called to love. Approaching John Paul II's Theology of the Body*, Doubleday, New York 2009, 2.

<sup>8</sup> Lo que denomina “soledad originaria”: cfr. JOÃO PAULO II, *Hombre y mujer lo creó*, Cristiandad, Madrid 2000, 78-86.

<sup>9</sup> Cfr. *Ibidem*, cat. 15.

Este feito não parece apresentar qualquer dúvida, a originalidade da experiência do amor, sua irreducibilidade a respeito de qualquer outra que não pode substituí-la, são realidades vividas tão intimamente que podem superar qualquer modo falso de se aproximar dela. “Se pode afirmar com certeza que não existe nos crentes aquele que não respeita o amor. Toda pessoa que ama, e todos amam algo, embora amem mal, como nos recorda Santo Agostinho<sup>10</sup>, crer em tal amor embora não seja na sua totalidade. A dificuldade reside em saber em que tipo de amor se crê, e neste sentido o cristianismo, naturalmente, tem uma vantagem enorme porque sabe realmente em qual amor crer, porque lhe foi revelado com conteúdo e profundidade excepcionais dentro de uma relação pessoal estável. A fé tem aqui o significado de vincular-se ao mistério interno do amor como meio adequado para uma vida plena. No amor, a fé e a vida estão radicalmente unidas”<sup>11</sup>.

*O amor nos abre a um mistério*<sup>12</sup>, no qual a verdade de cada pessoa esteja implicada, a importância deste fato é tamanha que nenhum rechaço sónico é capaz de romper o profundo vínculo que se estabelece entre amor e verdade<sup>13</sup>, de forma que assim nos encontramos com a base firme de onde se pode edificar a própria vida.

## **1.2 Seu conteúdo: Uma comunhão de pessoa**

Se o primeiro passo em nosso caminho era pararmos, o segundo é perceber de que modo ressoa em nosso interior o amor como uma pergunta. Não é sincero dizer a uma pessoa “Te amo”. “O que diz uma pessoa quando se volta a outra e lhe declara “Te amo”? Não só lhe está revelando uma intimidade, mas também se está dizendo uma coisa a si mesmo. A possibilidade de expressar-se deste modo não é uma simples proposição, mas sim um modo de afirmar-se a si mesmo. Tal realidade nos indica duas dimensões inerentes a experiência do amor que representam as direções principais do caminho a percorrer”<sup>14</sup>.

A primeira consiste na necessidade de interpretar nossa intimidade para decifrar o que se passa com ela. Ambiguidade com que se vive na atualidade o amor não se deve ao amor propriamente dito, mas ao fato de que, às vezes,

---

<sup>10</sup> Ame tudo que se defina por objeto querido: cf. Santo agostinho, De diversas questtionibus, q. XXXV,1 (CCL 44 a,50) “Nihil enim aliud est amare quam propter se ipsam rem alliquam appetere”.

<sup>11</sup> J. J. PÉREZ-SOBA, “Una nuova apologetica: la testimonianza dell’amore. L’enciclica «Deus Caritas est» di Benedetto XVI”, en *Anthropotes* 22 (2006) 160.

<sup>12</sup> Cfr. J. J. PÉREZ-SOBA DIEZ DEL CORRAL, *El amor: introducción a un misterio*, BAC, Madrid 2011.

<sup>13</sup> Cfr. J. J. PÉREZ-SOBA DIEZ DEL CORRAL, “La verdad del amor: una luz para caminar. Experiencia, metafísica y fundamentación de la moral”, en ID., *La gloria de Dios y el camino del hombre. Jalones para la renovación moral*, Edicep, Valencia 2010, 97-160.

<sup>14</sup> J. J. PÉREZ-SOBA, *Il mistero della famiglia*, Cantagalli, Siena 2010, 199. De este capítulo titulado “L’esperienza d’amore: tra soggettività e norme sociali” (pp. 199-210) tomo las reflexiones posteriores.

não se sabe colocar palavras para expressar os afetos. As pessoas não sabem aquilo que passa em seu interior, e nem até onde lhes dirigem seus sentimentos. Este fenômeno, que Bauman denominou “analfabetismo afetivo”<sup>15</sup>, tem como consequência uma intimidade fragmentada que não sabe discernir entre os muitos afetos que nos chegam e o verdadeiro significado de cada um deles. De outro modo, o amor nos fala da presença em nosso interior do amado. É precisamente essa realidade fabulosa a qual nos maravilha até o ponto de converter-se em um chamado insistente a nossa atenção e intenção.

Em segundo lugar, nasce a necessidade de comunicar o nosso querer a outra pessoa. Com ele, surge um novo sentido de necessidade que de nenhum modo esta em contradição com a liberdade. Receber um chamado em especial um chamado de amor, torna impossível a indiferença. Não responder ao chamado já é um modo de resposta, pois inclui sempre um ato voluntário de liberdade. Requer então equilibrar toda uma série de razões internas que tornam razoável o amor. Decidir perguntar ao outro “Me amas” é, portanto, perceber toda uma série de razões que lhe podem ser significativas e que há de por em jogo, para chamar sua atenção e reclamar com êxito seu amor. “É certo que esta exigência, inserida na primeira etapa da experiência amorosa, introduz no caminho do amor toda uma série de elementos novos que tem um significado pessoal decisivo. O amor assim adquire um objetivo indubitável porque deve contar com um conteúdo que seja compreensível a outra pessoa, para que possa ser aceito por ela, e sua realização seja uma confirmação que se transforme num caminho para os dois”<sup>16</sup>.

Constatamos com admiração, que, com o chamado ao amor, entraram em cena dois convidados de grande renome: a verdade e a liberdade. Mas estes, longe de disputarem um como outro, cumprem seu papel com a harmonia que lhes concede o amor, a verdade de do amor guia internamente a liberdade, porque somos livres para amar.

A lógica do chamado ao amor concede assim, algumas novas chaves que permite romper com as interpretações ideológicas, que tem como primeira vítima o amor pessoal. Tal amor é vital para a vida humana, e deve ser a maior precaução que qualquer homem tenha em conta. Sempre devemos recordar a advertência de Santo Agostinho: “Encontrei muitos que queriam enganar, mas nenhum que quisesse deixar-se enganar”<sup>17</sup>. O que nos leva a dizer: “ é óbvio que não poderíamos encontrar a ninguém que em sua própria vida aposte em um falso amor, pois ninguém quer ser enganado no amor, já que toca de modo tão profundo a intimidade humana. Esta duplicidade de preferências fundamenta-se, sem dúvida, na existência de uma verdade interior à ação do homem, que tem como base o amor. Não é correto expressar

---

<sup>15</sup> En su libro: Z. BAUMAN, *Amores líquidos. Acerca de la fragilidad de los vínculos humanos*, Fondo de Cultura Económica, Madrid 2005. Para el tema: cfr. L. MELINA, *Por una cultura de la familia. El lenguaje del amor*, Edicep, Valencia 2009.

<sup>16</sup> J. J. PÉREZ-SOBA, *Il mistero della famiglia*, cit., 200.

<sup>17</sup> SAN AGUSTÍN, *Confesiones*, X, 23, 33 (CCL 27,173); citado en JOÃO PAULO II, C.Enc. *Fides et ratio*, n. 25.

de uma forma convincente que o amor tem a sua verdade, mas é impossível negar que o homem não sabe viver sem ele em sua procura”<sup>18</sup>.

A primeira coisa que falsifica esse amor, no fundo, é a razão mais profunda da pergunta “Tu me amas”, isto é, trata-se da busca por reciprocidade, a resposta positiva do outro, porque é parte intrínseca de sua verdade<sup>19</sup>. Não se trata, porém, da corroboração da realidade inicial do amor, que consiste em uma presença, e que, por isso, somente enquanto chega a ser mútuo, alcança toda sua plenitude.

Na verdade, trata-se de um elemento tão essencial ao amor que o mesmo São João Paulo II chegou a falar numa “lei da reciprocidade”, para deixar claro que é nela que nos é revelado o mistério mais profundo do amor. “O Deus da aliança confiou a vida de cada homem a um outro homem, seu irmão, segundo a lei da reciprocidade de dar e receber, do dom de si mesmo e da acolhida do outro”<sup>20</sup>. Compreender seu significado real, conduz a perceber a falsidade da premissa pela qual minha liberdade termina onde começa a do outro, e que define o outro como limite para minha liberdade. A autêntica direção da liberdade à comunhão, leva a entender a reciprocidade como uma “aliança de liberdades”, no que o outro é um convite a minha liberdade.

Porém, também devemos ter em conta que esta lei da reciprocidade, não se esclarece em seu último valor, senão na revelação do amor de Cristo: “na plenitude dos tempos, o Filho de Deus, encarnando-se e dando a sua vida pelos homens, demonstrou a que altura e profundidade pode chegar esta lei de reciprocidade. Cristo, com o dom de seu Espírito, oferece conteúdos e significados novos a entrega do homem ao homem”<sup>21</sup>.

Por conseguinte, a dinâmica da reciprocidade abre os amantes à grandeza de um bem comum que transcende o bem privado dos indivíduos. É o que se chama exatamente o “bem da comunhão”<sup>22</sup>. Temos de compreender bem a importância decisiva deste ponto, que responde a dinâmica íntima do amor por aquilo que se define como “força unitiva”<sup>23</sup>, pois o amor não acaba em um sentimento por mais intenso que seja, mas que somente descansa na união real com o amado, respeitando sempre a diferença, pois evita radicalmente

---

<sup>18</sup> J. J. PÉREZ-SOBA, “La verdad de la familia cristiana”, en E. MOLINA – T. TRIGO (eds.), *Matrimonio, familia, vida. Homenaje al Prof. Dr. Augusto Sarmiento*, EUNSA, Pamplona 2011, 256.

<sup>19</sup> Cfr. M. NÉDONCELLE, *La réciprocité des consciences. Essai sur la nature de la personne*, Aubier, Paris 1942, 9: “Par la fenêtre intermittente qu’offre la réciprocité, nous accédons à l’étude de la personnalité même”.

<sup>20</sup> JOÃO PAULO II, C.Enc. *Evangelium vitae*, n. 76 §2.

<sup>21</sup> *Ibidem*. Para su significado: J. J. PÉREZ-SOBA, “La «ley de la reciprocidad», un principio de teología moral. Estudio de una categoría teológica en *Evangelium vitae*, n. 76”, en *Studia Cordubensia* 2 (2009) 5-30.

<sup>22</sup> Cfr. L. MELINA, “Actuar por el bien de la comunión”, en L. MELINA – J. NORIEGA – J. J. PÉREZ-SOBA, *La plenitud del obrar cristiano*, Palabra, Madrid 2001, 379-401.

<sup>23</sup> Es como una definición del amor a partir de Dionisio: cfr. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae* I-II, q. 28, a. 1, s.c.: “dicit Dionysius, IV cap. de div. nom., quod amor quilibet est virtus unitiva”.

toda a fusão despersonalizante<sup>24</sup>. Embora antecipada na verdade do afeto pleno de uma presença do amado, que convida a sair de um mesmo, a comunhão não existe se não por meio de um ato de liberdade que as pessoas se dão a si mesmas. A lógica do amor, é agora uma “lógica do dom” que requer a gratuidade<sup>25</sup>. E se assenta na verdade do amor que a sustenta<sup>26</sup>.

A vivência real de uma comunhão de pessoas, é algo que se dá inicialmente por meio da família, o qual permite o desenvolvimento do afeto de pertença, que é o princípio de toda sociabilidade<sup>27</sup>. Trata-se de uma realidade que se revelou imprescindível na educação, especialmente em sua dimensão moral, frente à visão intelectualista da autonomia racional, se há de reivindicar a necessidade de uma comunidade de referência, que introduz as pessoas no valor transcendente de uma certa tradição<sup>28</sup>.

A verdade do amor que se percebia de forma inicial na primeira experiência, a maneira de chamado fica agora confirmada por alguns elementos objetivos que nos revelam a relação intrínseca entre o amor humano, a sociedade e as instituições sociais, as quais, longe de serem obstáculo ao amor e suas expressões, são uma ajuda a seu reconhecimento social. E um canal pra sua melhor realização. Se somos chamados a amar agora esta vocação, é fonte de obrigação de deveres que não são alheios a realidade do amor, se compreende assim, de que forma o amor é fundamento dos mandamentos e um grande defensor da dignidade do homem<sup>29</sup>.

Há que reivindicar com força esta dimensão edificante do amor (cf. I co 8, 1) em meio ao mundo que exalta somente o “deixa-se levar” e a simples espontaneidade como se fossem as únicas verdades contidas no amor. Porém, não se pode nunca esquecer o risco deste procedimento. É uma experiência comum a constatação de que a aparente neutralidade com que a nossa sociedade vê as manifestações afetivas entre as pessoas, tal atitude cria uma dificuldade de estabelecer um caminho comum entre as pessoas. Em especial, a redução da compreensão do amor como uma mera emoção impede

---

<sup>24</sup> É o sentido que lhe dá Santo Tomás: cfr. ID., *In de divinis nominibus*, c. 4, lec. 12 (n. 455): “Unitio autem a concreione differt. Est enim amor unitio secundum quod amans et amatum conveniunt in aliquo uno sive illud in substantia utriusque, sicut cum aliquis amat seipsum; sive sit species, sicut animalia quae sunt eiusdem speciei se invicem diligunt; sive sit patria, sicut compatriotae se diligunt; sive sit quodcumque aliud. Concretio autem ad amorem pertinet, secundum quod ea quae sic uniuntur quantum ad aliquid distincta remanent, scilicet quantum ad divisionem amantis et amati”.

<sup>25</sup> Cfr. BENTO XVI, C.Enc. *Caritas in veritate*, n. 34.

<sup>26</sup> Cfr. L. MELINA –J. NORIEGA –J.J. PÉREZ-SOBA, *Caminar a la luz del amor. Fundamentos de la moral cristiana*, Ediciones Palabra, Madrid 2007, 661-667.

<sup>27</sup> Destaca esta realidade afetiva: FRANCISCO, C.Enc. *laudato si'*, n. 151: “Faz falta cuidar dos lugares comuns, os marcos visuais e os marcos urbanos que aumentam nosso sentido de pertença, nossa sensação de arraigo, nosso sentimento de estar em casa, dentro das cidades em que estamos inseridos e nos une”. Uma análise em: D. VON HILDEBRAND, *La esencia del amor*, Rialp, Madrid 1998, 225-246.

<sup>28</sup> Así: A. MACINTYRE, *After Virtue. A Study in Moral Theory*, Notre Dame University Press, Notre Dame IN 1981 y S. HAUERWAS, *A Community of Character*, Notre Dame University Press, Notre Dame IN 1981.

<sup>29</sup> Cfr. J. J. PÉREZ-SOBA DIEZ DEL CORRAL, *Amor, justicia y caridad*, EUNSA, Pamplona 2011.

compreender o tempo como realidade de maturação<sup>30</sup>. O tempo não é inimigo do amor, não põe nem tira nada dele, simplesmente mostra sua verdade.

### 1.3. A verdade de um plano de Deus: o amor esponsal

Nem todas as comunhões entre pessoas são iguais, dependem do bem que comunicam. É exatamente por isso que a relação homem e mulher tem um valor específico como reconhece Bento XVI: “em toda esta multiplicidade de significados [do amor] destaca, como arquétipo por excelência, o amor entre o homem e a mulher, no qual intervém inseparavelmente o corpo e alma, no qual se abre ao ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, em comparação com a qual, ofusca, em primeiro plano, todos os demais tipos de amor”<sup>31</sup>. O fato de que no chamado ao amor esteja incluída a diferença sexual, abre a um mistério específico a vida do homem e que obriga a denominar tal amor como esponsal.

O termo esponsal vem do latim *espondeo* que significa prometer, quer dizer um amor que exige permanência e que reclama, portanto, um exercício específico da liberdade. Tal promessa teve sempre na história da humanidade duas características, que em nossa cultura estão nebulosas: religiosa e pública, isto obedece aquilo que não se corresponde como afeto intimista por parte dos amantes, mas a uma missão maior que seus planos, que se deve apresentar diante de Deus e dos homens, a mesma diferença sexual remete a um significado que transcende o homem individual, a humanidade como totalidade não é o varão ou a mulher, mas requer a unidade de ambos. Um significado que inclui a imagem de Deus que reside também na comunhão de pessoas<sup>32</sup>.

A igreja o compreendeu muito bem, ao entender a essência do matrimônio no consentimento e expressá-lo em forma de promessa, isto é um compromisso por parte dos contraentes. Dizem que sim, não a um afeto particular mútuo, mas a um plano de Deus que é o bem específico que desejam a outra pessoa. “o homem, então, deve realizar uma clarificação do amor para podê-lo qualificar com esponsal. Não pode dizer simplesmente te amo, como se fosse equivalente a ter uma relação sexual, deve chegar a dizer “te amo” como esposo\como esposa, que é um modo de qualificar a pessoa, o modo que quer chegar a sua identidade”<sup>33</sup>.

Trata-se verificar a união entre o dom de si e a entrega da própria liberdade, quem entrega o corpo sem comprometer a liberdade, deita com sua própria carne. A verdade de uma entrega requer certo sacrifício, não nasce de uma absoluta confiança. É por isso, por tal realidade que aquele que deseja

---

<sup>30</sup> Cfr. S. MITCHELL, *Can Love Last? The Fate of Romance over Time*, Norton & Company, New York 2002.

<sup>31</sup> BENTO XVI, C.Enc. *Caritas in veritate*, n. 2.

<sup>32</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, *Hombre y mujer lo creó*, cit., cat. 9.

<sup>33</sup> J. J. PÉREZ-SOBA, *Il mistero della famiglia*, cit., 207.



aventurar-se sexualmente, nunca se entrega. Como afirma conferência episcopal espanhola, quando isto sucede: “a separação entre sexualidade e amor. A primeira passa a ser um modo de experimentar a satisfação de um desejo e suas regras seriam próprias de um jogo. O Amor aparece então como algo alheio, que em alguns casos se pode unir a sexualidade, mas que não a constitui desde o interior. Seria necessário[experimentar-se] sexualmente antes de saber se se pode amar de verdade a outra pessoa. Em todo caso, não caberia um amor sem condições”<sup>34</sup>.

Nesta entrega emerge a implicação relativa à totalidade do homem, que inclui sua liberdade e a incondicionabilidade do mencionado dom de si, que contém o futuro do homem. É um modo como o homem alcança sua plenitude, do dom sincero de si mesmo”<sup>35</sup>.

Naturalmente, em seu conteúdo encontra-se o significado da fecundidade que faz parte da verdade deste amor. Não se trata de um bem eletivo para os cônjuges, mas sim de uma dimensão de seu amor para que possa ser qualificado como sponsal. O amor nunca se fecha num ciclo há dois, sem que se abra à recepção de outra pessoa como um dom<sup>36</sup>. Isto já expressou Platão quando, em confronto com o amor homossexual, definia a verdade do eros como: “engendrar e parir no belo”<sup>37</sup>.

E nisto, realidade do amor, enquanto entrega, está contida a autêntica salvação do homem, como interpreta adequadamente Soloviev: “A verdade, como força viva que se apodera da interioridade do homem e o libera efetivamente da falsa autoafirmação, se chama amor. O amor, como efetiva eliminação do egoísmo é a justificação real e a efetiva salvação da individualidade. O amor é superior a consciência racional, mas sem esta última, não poderia agir como força interior salvadora, capaz de promover a individualidade em vez de suprimi-la”<sup>38</sup>.

“ É uma interpretação muito distinta da simplesmente romântica, que pensa que a verdade do <<Te amo>> reside somente em sua intensidade e não requer nenhuma confirmação externa. Segundo tal proposta, a afirmação, em si mesma, bastaria para justificar qualquer ato , na medida que este, seria realizado <<por amor>><sup>39</sup>, esquecendo a necessidade de se aprender a amar, para alcançar a maturidade de um amor que deve expressar-se como dom de si.

---

<sup>34</sup>J. PÉREZ-SOBA, *Il mistero della famiglia*, cit., 207.

<sup>35</sup> CONCILIO VATICANO II, Cons.Pas. *Gaudium et spes*, n. 24.

<sup>36</sup> Cfr. J.-L. MARION, *Le phénomène érotique*, Grasset, Paris 2003, 304: “Le passage à l'enfant ne résulte pas d'une loi biologique ou sociale, mais d'une exigence phénoménologique (...) Les amants passent à l'enfant pour radicaliser l'apparition de leur propre phénomène érotique”.

<sup>37</sup> PLATÃO, *O banquete*, 206 E.

<sup>38</sup> V. SOLOVIEV, *El significado del amor*, edición preparada por C. GRANADOS –E. STEFANYAN, Monte Carmelo, Burgos 2009, 54.

<sup>39</sup> Cfr. C. S. LEWIS, *Los cuatro amores*, Rialp, Madrid 1991.

Assim, surge a importância decisiva que possui a aparição de uma especialíssima história de amor, a História da Salvação, que une um amor originário e de valor universal, tal como se apresenta no Cristianismo. A ambiguidade de toda a tradição fica purificada no plano de Deus, que não ofende a racionalidade humana, mas a conduz a sua plenitude.”<sup>40</sup>.

#### 1.4. Sua debilidade e sua fortaleza

A vocação ao amor, que inclui sua própria manifestação, enquanto chamado à liberdade para viver a verdade, também revela uma das características mais particulares da humanidade: a vulnerabilidade<sup>41</sup>. O amor, em certo sentido, nos faz débeis porque nos chama a algo tão grande, que podemos nos sentir incapazes de alcançá-lo com a enorme frustração que isto supõe. Além disso, a reciprocidade que configura a intenção amorosa, nos deixa nas mãos da outra pessoa, que pode ferir-nos no mais íntimo do ser. É impossível falar do amor sem afrontar o desafio formidável da dor, do sofrimento e do possível fracasso.

Se demos início às dificuldades para se realizar, na verdade, o amor inicialmente compreendido como afeto, isto nos faz reconhecer dentro de nossa intimidade, a presença do pior dos inimigos do amor, que é o medo de amar. É ele que nos pode paralisar no caminho e converte em suspeitas intermináveis, o que antes eram sons claros do chamado ao amor.

O medo nunca é gratuito, tem sempre a ver com a memória dos fracassos e dos sofrimentos que não se quer reviver. Para muitos, surge a tentação de deixar de amar, ao menos de amar de verdade, com a devida implicação pessoal. Neste sentido, teria muita razão Ortega e Gasset, quando em referência ao amor romântico, sentenciava: “desde muitos séculos, se fala muito de amores e pouco do amor”<sup>42</sup>.

Um modo de cultivar o medo é banalizar o amor, querer reduzi-lo a um simples instante, para evitar dar-lhe qualquer outro relevo. Eis o que Giddens deseja salientar ao falar da “relação pura”<sup>43</sup>, que constantemente se pode romper, sem ferir os interessados. Querer viver o amor sem que este afete o íntimo, preservando o próprio eu para que não seja tocado.

Pelo contrário, o que se requer neste caso é uma purificação do amor em sua verdade. Como recordava Bento XVI: “os sentimentos vão e vem. Podem ser uma maravilhosa indicação inicial, mas não são a totalidade do

---

<sup>40</sup> J. J. PÉREZ-SOBA, *Il mistero della famiglia*, cit., 209.

<sup>41</sup> Cfr. M. C. NUSSBAUM, *The Fragility of Goodness. Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 1986, 2: “It suggests that part of the peculiar beauty of *human* excellence just is its vulnerability”.

<sup>42</sup> J. ORTEGA Y GASSET, *Escritos sobre el amor*, en ID., *Sobre el amor*, Ed. Plenitud, Madrid 1957, 306.

<sup>43</sup> A. GIDDENS, *La transformación de la intimidad: sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas*, Cátedra, Madrid 1998.

amor. A princípio temos falado do processo de purificação e maturação mediante o qual o *eros* chega a ser totalmente ele mesmo esse converte em amor, no pleno sentido desta palavra. É próprio da maturação do amor, que lhe abarque todas as potencialidades do homem e inclua, por assim dizer, o homem em sua integridade”<sup>44</sup>. Trata-se de apoiar-se em uma verdade, para encontra-se em uma dimensão do amor que não passa. A mesma vulnerabilidade do amor se assenta em definitivo em sua transcendência. O amor é uma realidade que nunca podemos pretender dominar, mas sim, aprendermos a responder a sua verdade.

Aqui se manifesta a maior fortaleza do amor, pois enquanto sua verdade é analógica, se fundamenta sempre um amor anterior que é criativo e antecede qualquer resposta<sup>45</sup>, um chamado original “que procede do silêncio”<sup>46</sup>. Esta é a experiência de um amor original que nos revela uma falta de condição absoluta: o fato de sermos filhos que tem um valor universal e nos abre ao mistério de fraternidade<sup>47</sup>.

Deste modo, sob as interferências ao chamado se aponta um absoluto que implica ao homem na totalidade de seu ser. É precisamente a consciência, aquela que ilumina o chamado ao amor. A consciência desde o início tem sido comparada a uma “voz” porque aparece com valor imperativo, sem necessidade de manifestar totalmente suas razões. Ligado ao valor de sua verdade, surge como que o reduto contra todo subjetivismo, um sentido totalmente atacado em nossa sociedade, como já denunciava o beato John Henry Newman, quando dizia: “em nosso tempo se declaro uma guerra feroz, diria quase que uma conspiração contra o direito da consciência... por direito da consciência entendemos: o direito de pensar, de falar, de escrever e de trabalhar como lhes convém, sem pensar em nada em Deus... hoje, para grande parte de nosso público, principalmente para nosso público, o direito e a liberdade de consciência dispensam da consciência”<sup>48</sup>.

A consciência é essencial para responder a qualquer chamado, pois precisamente por ser uma “voz” remete sempre a alguém distinto da consciência, tal como insiste nosso apologeta inglês, tens que compreender a consciência: “não como capricho ou opinião, mas sim como obediência devida

---

<sup>44</sup> BENTO XVI, C.Enc. *Deus caritas est*, n. 17. Cfr. J. NORIEGA, “La chispa del sentimiento y la totalidad del amor”, en L. MELINA –C. ANDERSON (eds.), *La vía del amor*, cit., 267-278.

<sup>45</sup> Cfr. J. J. PÉREZ-SOBA, “La logica, analogica, dell’amore”, en N. REALI (ed.), *L’amore tra filosofia e teologia. In dialogo con Jean-Luc Marion*, Lateran University Press, Roma 2007, 155-170.

<sup>46</sup> SANTO INÁCIO DE ANTIOQUÍA, *Ad Magnesios*, 8,2.

<sup>47</sup> <sup>47</sup> Cfr. J. RATZINGER, *La fraternidad cristiana*, Taurus, Madrid 1962. Para el hecho radical de ser hijos: J. GRANADOS, *La carne si fa amore. Il corpo, cardine della storia della salvezza*, Cantagalli, Siena 2010, 101: Isto significa que se afronta o mistério da união da divindade e da divindade em Jesus, servindo-se de um conceito dinâmico de carne, através do qual os homens são unidos entre si na sucessão de gerações e levados, em último sentido, a fazer referência ao Pai de todos”.

<sup>48</sup> J. H. NEWMAN, *Carta al Duque de Norfolk*, c. 5, Rialp, Madrid 1966, 74.

à voz divina que fala em nós”<sup>49</sup>. Que se expressa como: “para clarificar o caráter transcendente, não puramente subjetivo da consciência, Newman apresenta frequentemente como voz divina em nós... ‘um eco supõe uma voz; uma voz supõe um ser que fala. Amo e temo este ser’”<sup>50</sup>. Daqui já se pode fazer um oportuno esclarecimento: “Para falar com precisão se deveria dizer que a consciência não é tanto a voz de Deus, quanto o eco de uma voz em nossa intimidade”<sup>51</sup>.

Compreende-se bem agora a necessidade de se cuidar da ressonância interior desse eco para não perder sua escuta correta. Não se pode falar de reta consciência sem se referir as disposições interiores para o bem que são atitudes e que podem neste sentido entender-se como as “estratégias do amor”<sup>52</sup>.

A relação com a verdade que salva o amor e sua privação e subjetivação<sup>53</sup>, na atualidade, é o vínculo que impede toda emotivização da consciência: considerar que algo é bom simplesmente porque me sinto bem fazendo isto<sup>54</sup>. Fixar-se exclusivamente no próprio sentimento é um modo de impedir que ressoe a voz de Deus, pois se perde a referência precisa para reconhecer o chamado do amado, do contrário, nossa cultura e em especial quase todo nosso sistema educativo, tendem a conformar emotivamente a consciência pessoal, desfigurando-a e convertendo-a em presa fácil da manipulação informativa<sup>55</sup>.

É aqui onde aparece toda a sua força e se compreende a radicalidade da afirmação de São Paulo: o amor não passa nunca (cf. I co 13, 8); que tem sua relação em São João quando pede: “permanecer no amor” (cf. I Jo 4, 6). Isto é devido à relação que se pode estabelecer com o amor que sempre nos precede e que, anterior a qualquer condição exterior ou qualquer debilidade interior, nos segue chamando insistentemente.

---

<sup>49</sup> *Ibidem*, 79

<sup>50</sup> G. VELOCCI, “Aspetti della coscienza nel pensiero di John Henry Newman”, en *Sacra Doctrina* 37 (1992) 648.

<sup>51</sup> *Ibidem*, 685.

<sup>52</sup> Cfr. P. J. WADELL, *The Primacy of Love. An Introduction of Thomas Aquinas*, Paulist Press, Mahwah, New Jersey 1992, 90.

<sup>53</sup> Como recorda Bento XVI, C. Enc. *Caritas in Veritate*, n. 4:” Sim, a verdade, a caridade é relegada a um âmbito de relações reduzido e privado. Fica excluída dos projetos e procesos para construir um desenvolvimento humano de alcance universal, no diálogo entre saberes e operatividade.

<sup>54</sup> Para compreender os pasos de tal motivação: cfr. J. J. PÉREZ-SOBA DIEZ DEL CORRAL, “Experiencia y ley: «Experiencia moral y experiencia religiosa»”, en ID., *La gloria de Dios y el camino del hombre. Jalones para la renovación moral*, C. 4, Edicep, Valencia 2010, 163-185.

<sup>55</sup> Cfr. J. J. PÉREZ-SOBA –O. GOÑIA (eds.), *Il cammino della vita: l'educazione, una sfida per la morale*, Lateran University Press, Roma 2007.

É o amor do pai na parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32); o amor do Bom Samaritano que sabe cuidar das feridas (Lc 10, 30-37)<sup>56</sup>, é o amor do Bom Pastor que carrega nos ombros a ovelha (Lc 15, 5) e dá a vida por ela (Jo 10, 11), pois “veio para que tenham vida e uma vida abundante” (Jo 10, 10).

Para superar as interferências nos é necessária uma boa caixa de ressonância de onde se possa distinguir os distintos sons. Isto nos conduz a entrar na intimidade humana enquanto esta habitada por muitas presenças, mas por muitas vezes é difícil saber discernir o seu valor. Todavia é justamente aqui onde Deus sai em nossa ajuda, com uma presença muito especial.

O mesmo Cristo não nos oferece um amor sem a comunhão que o sustente, é por isso, por aquilo que nos pede em resposta não um amor qualquer, mas um amor mútuo que conforma uma comunhão (Jo 15, 12). Trata-se da igreja que é assim o reflexo do amor mútuo do Pai e do Filho: “como Pai me amou, assim também eu vos amei, permaneci no meu amor” (Jo 15, 9)<sup>57</sup>.

A partir dessa comunicação de amor nasce a missão da igreja: “como tu me enviaste ao mundo assim eu vos envio ao mundo” (Jo 17, 19) no que destaca proeminentemente o papel da família. Como afirmou João Paulo II: “entre os numerosos caminhos, em que o homem toma o caminho da igreja, a família é o primeiro e mais importante”<sup>58</sup>. Isto conduz a repensar a igreja desde a missão recebida de seu Esposo, a de ser uma mãe que ensine a amar. É por isso, por aquilo que “a igreja animada pelo amor divino, vive em estado permanente de missão”<sup>59</sup>. A missão de ensinar a amar por meio do amor humano que se vive na família.

### **1.5. Chamados a aprender e ensinar a amar**

Sem dúvida, poder dizer que somos chamados a amar é uma herança singular de João Paulo II, que viveu isso em primeira pessoa. “Esta vocação ao amor é de modo natural, é o elemento mais intimamente unidos aos jovens. Como jovem sacerdote, me dei conta muito rapidamente disso. Senti um chamado interior nesta direção. Tens que preparar os jovens para o matrimônio, tens que ensinar-lhes o amor. O amor não é coisa que se aprenda, porém não há nada que se seja mais necessário ensinar! Sendo ainda um

---

<sup>56</sup> Cfr. R. TREMBLAY, “La figura del buon Samaritano, porta d’ingresso nell’enciclica di Benedetto XVI *Deus caritas est*”, en *Studia Moralia* 44 (2006) 395-411.

<sup>57</sup> Cfr. S. DIANICH, *La Chiesa mistero di comunione*, Marietti, Torino 1990.

<sup>58</sup> JOÃO PAULO II, *Carta às famílias*, n. 2 §1.

<sup>59</sup> J. J. PÉREZ-SOBA, “Vocazione all’amore e teologia del corpo”, en L. MELINA –C. ANDERSON (eds.), *Una via sempre attuale: l’intuizione sorgiva del pontificato del Beato Giovanni Paolo II. Atti del Congresso “Verso Cristo”. A 30 anni da Redemptor hominis. Attualità di una via all’uomo, presso il Pontificio Istituto Giovanni Paolo II*. Roma, 16-17 ottobre 2009, en *Anthropotes* 27/1 (2011) 119. Cfr. JOÃO PAULO II, C.Enc. *Redemptor hominis*, n. 20: “La Iglesia *in statu missionis*, tal como nos ha revelado el Concilio Vaticano II.”

jovem sacerdote aprendi a amar o amor humano. Este é um dos temas fundamentais sobre o que centrei meu sacerdócio, meu ministério desde o púlpito, no confessionário e também através da palavra escrita. Se somos capazes de amar o amor humano, nasce também a viva necessidade de dedicar todas as forças. A pesquisa e a busca de um ‘amor belo’<sup>60</sup>.

Se somos chamados a amar é porque podemos aprender a amar. Esta verdade deve iluminar as relações sociais nas quais agora deixa de ser um corpúsculo privado, e adquire status de paradigma do valor das relações pessoais, uma fonte de uma nova sociedade relacional. É necessário de todo modo para que nossa sociedade seja mais humana ela deve reconhecer os enormes bens que recebe das famílias bem constituídas, que saiba também rentabilizar o enorme capital social que representa a família<sup>61</sup>. É um fato que na Espanha é a instituição mais valorizada, mas de outro modo vivemos em uma cultura esquizofrênica que vive em constante ataque a este bem comum maravilhoso<sup>62</sup>.

Em definitivo, se somos chamados a amar, é para renovar o mundo com amor maior que nós mesmos. Para que todos os homens possam encontrar sua vocação ao amor, que é o único modo de assegurar o autêntico desenvolvimento da sociedade: “ Na realidade, as instituições por si só não bastam, por que o desenvolvimento humano integral é antes de tudo vocação e, portanto, comporta que se assumam livre e solidariamente por parte de todos. Este desenvolvimento exige, todavia, uma visão transcendente de pessoa, necessita de Deus: sim Ele, ou se nega o desenvolvimento, ou, se o deixa unicamente nas mãos do homem que cede à presunção da auto salvação, terminando assim por promover um desenvolvimento desumanizado”<sup>63</sup>.

## 1.6. A dificuldade do Pan Sexualismo

A desumanização tem na atualidade, no campo da sexualidade, uma origem fundamental na revolução cultural dos anos 60, que configurou o pansexualismo, cujas características devemos de ter presentes.

De modo concreto, pode caracterizar-se ao meu entender por meio de três princípios básicos<sup>64</sup>:

---

<sup>60</sup> JOÃO PAULO II, *Cruzando el umbral de la esperanza*, Plaza & Janés, Barcelona 1994, 132-133. Para o tema: cfr. L. MELINA –S. GRYGIEL (dir.), *Amar el amor humano. El legado de JUAN PABLO II sobre el Matrimonio y la Familia*, Edicep, Valencia 2008.

<sup>61</sup> Cfr. P. DONATI, *Perché “la” famiglia? La risposte della sociologia relazionale*, Cantagalli, Siena 2009.

<sup>62</sup> Cfr. P. DONATI, *Perché “la” famiglia? La risposte della sociologia relazionale*, Cantagalli, Siena 2009.

<sup>63</sup> BENTO XVI, C.Enc. *Caritas in veritate*, n. 11.

<sup>64</sup> Compare-se com: *Directorio*, n. 11: “ Com esta ruptura dos significados da sexualidade, esta fica afetada por um proceso de canalização hedonista. O último passo foi separá-la do mesmo amor e convertê-la num elemento de consumo.

1. A redução da sexualidade à genitalidade <sup>65</sup>, quer dizer qualificativo sexual se aplica somente ao que concerne a excitação sexual, para isto basta chegar ao gozo completo (orgasmo). Se perde o valor simbólico da sexualidade, que a une em tantas culturas a um significado transcendente, a valores psicológicos ligados a construção da sociedade humana, e aos relacionais, que preenchem de conteúdos pessoais a relação entre homem e mulher. Reich dizia a respeito: “o núcleo da felicidade da vida é a felicidade sexual”<sup>66</sup>, por qual: “abstinência sexual é perigosa e absolutamente prejudicial a saúde”<sup>67</sup>.

2. O tratamento de tal sexualidade como objeto de consumo<sup>68</sup>. Portanto, os critérios para sua realização serão os mesmos que regem qualquer consumo: “quanto mais, mais rápido e mais intenso seja o prazer melhor o sexo. Por trás deste modo de usar a sexualidade surge uma grande quantidade de interesses econômicos, todo um mercado regido por suas próprias leis, que vão exercer uma forte pressão e vão se estender com muitas ramificações. Este segundo aspecto é sem dúvida uma consequência do primeiro, só pode converter-se em tal objeto utilizável uma sexualidade tão pobre quanto a genital.

3. Que reclama a presença da genitalidade e reclama seu consumo como normal enquanto fato inclusive uma boa tendência social. É o elemento de valorização moral da sexualidade tomada já em sua forma genital. Aqui o termo “bom” significa o mesmo que um “bem especial de consumo”, deste tipo de juízo se desprende um apreço real da presença sexual em todos os âmbitos da existência, não somente o espetáculo ou imprensa; mas também a publicidade, a educação, o lazer (viagens), o trabalho, a medicina. Tudo isso produz esta onipresença da sexualidade até podemos falar de uma autêntica obsessão sexual, trata-se de um modo inconsciente de centrar a atenção em um objeto. A sexualidade entendida como excitação genital se converte como fim em si mesma, que estará reforçada pela obsessão sexual que tenha cada pessoa. Se em algum momento não se tem presente o apelo sexual se vive como uma carência.

É uma consequência do fenômeno de banalização da sexualidade, que deixou de significar algo valioso para ser material de consumo, é um fato destacado por pessoas muito distantes e alheias ao cristianismo como:

---

<sup>65</sup> Cfr. *Directorio*, n. 17: “ Em primeiro lugar temos de denunciar um profundo reduccionismo do significado de sexualidade. Atualmente se apresenta o sexo como uma mera excitação genital ou uma paixão emocional intensa, carente de um sentido pessoal em si mesma”.

<sup>66</sup> W. REICH, *The Sexual Revolution*, cit., xxvi.

<sup>67</sup> *Ibíd.*, 108.

<sup>68</sup> Cfr. *Directorio*, n. 18: “ A sexualidade que foi reduzida a um mero objeto de consumo, que se oferece indiscriminadamente em todas as ocasiões”. Esta última menção se vê em consonância com o conceito de panssexualismo que estamos oferecendo. Em todo o n.18 dete diretório insiste no modo consumiste de se oferecer a sexualidade e os intereses económicos que estão por detrás.

Nussbaum, Irigaray, Byung-Chul Han, Baidou <sup>69</sup>. A missão eclesial de ensinar a amar se faz especialmente urgente e misericordiosa.

## **Conclusão**

“Tu me amas? ” esta só não é mais uma pergunta que cada homem deve fazer. Assim se dirige também o mesmo Jesus Cristo a cada um de nós. É por meio de nossa resposta que ele quer realizar esta aliança definitiva de todo homem com Deus, construindo uma autêntica família humana dos filhos de Deus, que possam viver gosoamente a sua fraternidade<sup>70</sup>. É a resposta definitiva ao chamado a amar diante do único mestre ao amor, que nos abre uma missão na sociedade, a de defender e promover o evangelho do matrimônio e a família. Podemos duvidar na resposta? “Aquele que assim nos amou quem não o amará? ”<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup>Cfr. L. IRIGARAY, *Ética de la diferencia sexual*, Ellago Ediciones, Castellón 2010; M. C. NUSSBAUM, *La terapia del deseo. Teoría y práctica en la ética helenística*, Paidós, Barcelona 2003; A. BADIOU, *Éloge de l'amour*, avec N. TRUONG, Flammarion, Paris 2009; BYUNG-CHUL HAN, *La agonía del eros*, Herder, Barcelona 2014.

<sup>70</sup> Recordamos que os capítulos III e V de Caritas in Veritate se intitulam: “Fraternidade humana, desenvolvimento econômico e sociedade civil e colaboração da família humana.

<sup>71</sup> “Sic nos amantem, quis non redamaret?”: del himno *Adeste fideles*.